

DESTAQUE EDITORIAL

DIAGNÓSTICO DA PRÉ-ESCOLA NO ESTADO DE SÃO PAULO — 1988
FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO — FDE
São Paulo, 1990

A Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), órgão vinculado à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, vem desenvolvendo sistematicamente, nos últimos anos, uma série de atividades originais envolvendo a pré-escola. Seminários, publicações e vídeos por si só não mereceriam o adjetivo original, pois são instrumentos corriqueiros de intervenção. O que merece destaque na atuação da FDE é que estes instrumentos têm sido elaborados de forma complementar e visando sua multiplicação — um seminário é gravado em vídeo e seu conteúdo publicado em textos (*Revista Idéias*). Também é original a sistematicidade das intervenções: equipes municipais de educação pré-escolar vêm recebendo treinamento relativamente periódico. Iniciativas, portanto, altamente meritórias no quadro generalizado de descaso que vem recebendo este nível educacional.

No contexto destas ações, a FDE acabou de lançar um *Diagnóstico da Pré-escola no Estado de São Paulo — 1988*, baseado em questionários respondidos por 93 dos 190 municípios paulistas que dispõem de rede pré-escolar. São raros, praticamente inexistentes, diagnósticos apoiados em informações diretamente fornecidas pelos municípios sobre o sistema de ensino e que incluem, além de parâmetros quantitativos, questões sobre procedimentos pedagógicos, objetivos educacionais ou fontes de recursos (os famosos convênios que proliferam na área de cuidado e educação da criança pequena).

Assim, através dos resultados obtidos por este diagnóstico algumas informações anteriormente disponíveis são confirmadas (por exemplo, a municipalização crescente deste nível educacional), outras são precisadas (características dos recursos humanos que atuam nas redes pré-escolares) e muitas novas são fornecidas (principalmente relativas à organização do ensino).

Além de descrever os dados coletados, a pesquisa esboça algumas linhas analíticas, tentando relacionar características da pré-escola ao tamanho do município. Talvez seja este um dos pontos frágeis do trabalho: a singularidade das análises que pouco extrapolam as respostas ao questionário. A despeito do respaldo bibliográfico, a pes-

quisa articula pouco os dados empíricos e o conhecimento sistematizado. Ainda se perfila ao estilo da denúncia. Teria sido muito interessante que outros indicadores macro-estruturais dos municípios (arrecadação, por exemplo) e outras características das redes pré-escolares (financiamento e convênio) tivessem sido associadas às respostas obtidas.

De qualquer forma, trata-se de uma leitura obrigatória para os interessados na questão. A distribuição é gratuita. Os pedidos devem ser dirigidos à FDE. Rua Rodolfo Miranda, 636. 01121. São Paulo, SP.

F. R.

TRANQUILIZANTES MENORES: SOLUCIÓN O PROBLEMA?
RED SALUD DE LAS MUJERES LATINOAMERICANAS Y DEL CARIBE
Boletín 27. Santiago, Isis Internacional, p. 30-8, dez. 1989.

O que são tranquilizantes menores? O termo refere-se a uma ampla variedade de drogas conhecidas como ansiolíticos, sedativos, pílulas para dormir etc. São "menores" para diferenciar-se dos tranquilizantes maiores, usados para tratar desajustes graves como a esquizofrenia ou a psicose maníaco-depressiva (fenodiazepinas, lítio etc.)

Por que uma campanha de esclarecimento e alerta sobre tranquilizantes menores numa revista dedicada à saúde feminina? Devido ao alarmante aumento do consumo dessas drogas por mulheres. A tendência de se receitá-las a mulheres em porcentagens bem mais altas do que a homens é comprovada por vários estudos, que também revelam que a maioria das receitas destina-se a mulheres pobres, urbanas, donas-de-casa, desempregadas ou idosas. Esse modelo de uso de drogas tem muito a ver com a atitude médica sexista para com as pacientes, reforçada pela propaganda dos laboratórios fabricantes.

Extremamente oportuno esse artigo produzido pela *Red Salud*: em linguagem clara para leigas/os, mas preciso e fundamentado, aborda desde os fatores que geram os sintomas de ansiedade entre mulheres até os riscos da dependência e sugestões práticas para o abandono seguro do uso de tranquilizantes menores. Indica, ainda, grupos

na Argentina, Inglaterra e Peru que investigam atualmente o tema.

No Brasil, não se conhecem grupos semelhantes voltados para esse consumo feminino. As entidades que aqui investigam o abuso de drogas têm privilegiado o universo escolar ou as crianças de rua em seus estudos (ver artigo nesse número da revista); ainda assim, em seus questionários, dirigem-se a usuários/as de drogas sem receita médica. Portanto, se levarmos em conta o perfil, delineado acima por estudos em outros países, da clientela feminina majoritária das receitas médicas de tranqüilizantes menores, podemos supor que esse universo está sendo pouco ou nada investigado. Pesquisadoras isoladas, preocupadas com a questão, vêm insistindo na necessidade de promover mudanças na atitude médica para com as pa-

cientes, e na atitude destas, no sentido de exigir atendimento adequado e de buscar alternativas às respostas da medicina oficial.

Como ressaltam as autoras do artigo, "é preciso que o problema que conduz ao uso de tranqüilizantes menores seja enfrentado (pobreza, falta de creches, habitação inadequada, baixo *status* e trabalho mal pago, isolamento etc.), em vez de ocultado por drogas. Problemas originados na sociedade não se curam com receitas".

Para investigadoras/es e profissionais de saúde e de educação, assim como para a usuária individual, vale o alerta do artigo.

T.A.